

FIUZA, Solange; SARAIVA, Arnaldo (Orgs.). *Correspondência inédita e anotada: Alberto de Serpa - João Cabral de Melo Neto - O Cavalo de Todas as Cores*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2025, 248 p.; 44 p. (fac-símile).

Expande-se na capa cinza da revista, em tinta preta, a figuração tipográfica de um cavalo com asas, Pégaso de matriz expressionista, assinada pelo artista plástico catalão Francisco García Vilela. O título do periódico, inusitadamente, aloca-se no verso da cobertura: “O CAVALO DE TODAS AS CORES”. Nesse local patenteiam-se ainda o nome dos diretores Alberto de Serpa e João Cabral de Melo Neto, a indicação da tiragem (duzentos exemplares) e do local onde foi publicado: Barcelona. O Sumário, no anverso da quarta capa, exhibe a data da edição inaugural, “janeiro de 1950”. O volume de modestas dimensões e apurada materialidade acolhe, sem trazer numeração, em seus cadernos, as “Nove canções católicas”, do português Pedro Homem de Mello; o poema “A bomba atômica” de Vinicius de Moraes; “Cuatro poetas”, peças líricas do espanhol Rafael Santos Torroella; “Poesia”, nomeando a prosa ensaística com força de manifesto, subscrita pelo modernista lusitano José Régio; e, por fim, o caderno “Xilografia popular en Catalunya”, com ilustrações dos séculos XVII e XVIII, comentadas por E. Tormo.

Revistas, ao emparelhar textos e ilustrações diversas, materializam ideários estéticos e ideologias políticas de uma época. Em suas páginas, a disposição das matérias produz, estrategicamente, sentidos programáticos. Periódicos, portanto, resultam de um labiríntico processo geralmente invisibilizado, que contempla ações individuais e coletivas, a seleção negociada do conteúdo a ser difundido, decorrente de disputas, consensos e rupturas. Para o sociólogo Jean-François Sirinelli, em “Os intelectuais”, as redações de revistas, assim como os conselhos de editoras, oferecem uma visão privilegiada do funcionamento das redes de sociabilidade. Mostram o campo intelectual tensionando forças de “adesão” e de “exclusão”. Para ele “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (p. 249).

O Cavalo de Todas as Cores, periódico visto sob o ângulo de sua concretização, ou seja, como impresso que, de fato, circulou na época de sua produção e que hoje, objeto de bibliofilia, resguarda-se em acervos públicos e privados, testemunha, em primeiro lugar, os vínculos entre dois intelectuais, do Brasil e de Portugal, reconhecidos como poetas, de maior ou menor destaque na esfera cultural e literária. O sumário da revista atesta o propósito de circulação transnacional, ao elencar colaboradores espanhóis, portugueses e brasileiros. A poesia, evocada igualmente no caderno de prosa, impõe-se como assunto central, realçado por elementos das artes visuais. As colaborações, abarcando temas de largo espectro cronológico, afastam-se de posturas combativas próprias das vanguardas. Aparentemente, tomadas em conjunto, mostram-se heterogêneas, pautando vivências, eventos históricos, personagens, dimensões filosóficas, expressões artísticas. As conexões semânticas entre os trabalhos coligidos restam sibilinas, no que diz respeito às intenções dos editores. A reduzida tiragem de uma publicação de realização refinada supõe o diálogo com um público leitor bastante restrito.

À luz da *Correspondência inédita e anotada: Alberto de Serpa - João Cabral de Melo Neto – O Cavalo de Todas as Cores*, edição de Solange Fiuza e de Arnaldo Saraiva, atuantes pesquisadores da área de literatura, o conhecimento da história da revista produzida na capital da Catalunha amplia-se, a partir do desvelamento de ações e movimentos dos editores, nas coxias do espaço intelectual. A obra, congregando sessenta cartas, preservadas na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e na Biblioteca Municipal do Porto, como também outros documentos de arquivos, faculta o reposicionamento do periódico, ao situá-lo na interface da história literária (a revista, impressa, em circulação) com os estudos de memorialismo literário e de crítica genética (a revista observada a partir de seus agentes e de seus processos de criação). O entrelaçamento entre público e privado, individual e coletivo, obra e processos, exige a configuração de uma nova história da literatura, com maior verticalização na abordagem do fenômeno cultural. Ao mesmo tempo, a edição dessa correspondência contribui substantivamente para o adensamento de questões teóricas, metodológicas e hermenêuticas, no terreno da epistolografia, tanto no que se refere a práticas editoriais, quanto à definição e à consolidação dos instrumentais de análise e de interpretação da chamada “crítica epistolográfica”.

Embora as edições de cartas de João Cabral de Melo Neto não sejam ainda numerosas, em comparação, no Brasil, às de Mário de Andrade ou mesmo às de Carlos Drummond de Andrade e às do crítico literário Alceu Amoroso Lima, elas já representam um legado considerável, em franca expansão, em virtude do interesse que vem suscitando em diversas áreas das humanidades (história, diplomacia, sociologia, estudos literários, psicologia social, análise do discurso etc). Em 2000, Carlos Mendes Sousa estampou na *Revista Colóquio/Letras*, de Portugal, sete mensagens de João Cabral expedidas a Clarice Lispector, aproximadamente de 1947 a 1959. No texto de apresentação, o professor da Universidade do Minho discerne na epistolografia de João Cabral, “o pendor analítico” (p. 286); constata no poeta de *O Engenheiro* e na ficcionista de *Perto do Coração Selvagem*, ambos nascidos em 1920, a “mesma entrega dolorosamente obsessiva à literatura” (p. 289), “afinidades intelectuais e [...] mútua admiração” (p. 285). À amiga, em 1949, Cabral explicita a aguda consciência de seu projeto literário: “sou um sujeito [...] envenenado por ‘construção’, montagem e arquitetura literária” (p. 296).

Flora Süssekind, em 2001, difunde a *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. A ela, coube a observação de que as missivas do autor de *O Cão Sem Plumas*, particularmente aquelas subscritas nas décadas de 1940 e 1950, propiciavam-lhe o “exercício reflexivo”, ou ainda, uma “autoconscientização literária” (p. 8), estimulados pelos dois modernistas que tinham sido, para ele, “responsáveis diretos por ele ter se interessado em dedicar-se à literatura e acreditado na possibilidade de se tornar poeta” (p. 12). Esses registros epistolares atestariam, assim, um devir autoral, mas, igualmente, em sentido amplo, um reflexo de aspectos “da vida cultural brasileira” (p. 19). Em cartas mais ou menos extensas, Cabral partilha projetos, posicionamentos críticos, notícias de suas obras em progresso. Com Bandeira, enseja até mesmo “um pouco de conversa mole e fiada” (p. 115), não temendo, em 1951, sugerir ao amigo mais velho, imortal da Academia Brasileira de Letras, uma tomada de atitude “contra o cosmopolitismo de nossos intelectuais” (p.121). Dialogando com Drummond, em distinta atmosfera epistolar, exprime certo acanhamento, tédio e alguma acidez, em sintonia com o temperamento mais reservado do itabirano; afina-se politicamente com ele, escrevendo-lhe em 1944: “a função mais importante da literatura não é refletir a

miséria que a gente está vendo e sim dar coragem a esses que se está vendo na miséria” (p. 206).

A carta a Vinicius, em outubro de 1949, bem como as que dirigiu ao amigo conterrâneo do Nordeste, Ledo Ivo, entre 1947 e 1985, vieram a lume, respectivamente em 2003 e 2007, em *Querido poeta: correspondência de Vinicius de Moraes* e em *E agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*. Concentram-se, como aquelas endereçadas a Clarice, Bandeira e Drummond, nos anos em que o então funcionário consular residiu na Espanha (quando se devotou às artes amadoras de impressor, ao adquirir a prensa das quais saíram as edições artesanais de *O Livro Inconsútil*) e depois na Inglaterra e na França. Nas missivas a Lêdo, confidencia, em 1948, as vicissitudes enfrentadas no “ato de escrever” prosa: “como é pesado escrever!” (p. 35); e na mesma toada, em 1951: “prosa, para mim, é ainda mais trabalhosa [do que a poesia]” (p. 53) –, inclusive no que tange à escrita epistolar. Em relação a esta, em 1983, Cabral constata a sua indisposição: “tão relaxado sou eu no que se refere a cartas” (p. 85).

A figuração do “antiepistolar” (p. 227) forjada por João Cabral em 1948, em carta a Drummond, e reiterada em 1950 (“indisposição epistolar”, p. 234), se cabe a ele, a partir dos anos de 1960, pouco afeito a derramamentos e mergulhos nos meandros de sua criação, não pode ser tomada ao pé da letra em relação à sua epistolografia na quadra dos 30 aos 40 anos. Nesse tempo, a sua pena (na aparência) corria mais solta, engajada na mobilização de projetos editoriais, tanto quanto no desejo de inserção e de reconhecimento no campo literário. O “antiepistolar”, como traço distintivo da epistolografia de Cabral, reflete, salvo melhor juízo, a sua latente desconfiança diante de um gênero discursivo no qual, mais comumente, emergem “coisas protocolares, exuberâncias sul-americanas ou juvenis” (p. 165) – como assegura a Drummond em 1941 –, ou ainda, como uma prática social e não exatamente uma exigente prática autoral, desvio improdutivo para quem se mostrava obsessivamente rigoroso no que diz respeito ao ofício de escritor. De acréscimo, intui-se em Cabral uma escrita epistolar assombrada pelo metadiscurso, ou seja, altamente consciente das intrincadas estratégias de encenação, persuasão e de sedução que subjazem à comunicação postal. “Escrever carta para mim é tão difícil”, lamenta, em 1950, ao amigo português, “me soam sempre tão falsas – mesmo sendo sinceras” (p. 207), estando em jogo a avaliação crítica de um

livro que dele recebera, mas o sentido que vigora nessa contundente formulação é, por certo, transbordante.

Na *Correspondência Inédita e Anotada: Alberto de Serpa - João Cabral de Melo Neto* flagra-se o “antiepistolar” em plena vitalidade escritural, fomentando o sincopado e encorpado diálogo que se estende de junho de 1949 a novembro de 1950. Na sequência, a conversação perde o viço, lacunar até o prosaico telegrama de 1966, que acusa o desencontro dos amigos e sepulta o convívio à distância. Separam um do outro, 15 anos, João Cabral, sendo o mais moço. Na biografia de ambos, destaca-se a empenhada atuação que tiveram como mediadores culturais, constituindo e alimentando malhas de sociabilidade letrada transnacionais. Encontraram nas revistas formas de participar de movimentos literários. Alberto de Serpa, conforme o bem-informado perfil biográfico delineado por Arnaldo Saraiva, colaborou em diversos periódicos, servindo como secretário de redação em *Presença*, marco do modernismo português, e na *Revista de Portugal*. Esse movimento o credenciara para a organização de *As Melhores Poesias Brasileiras*, em 1943, no catálogo da Portugália Editora. O interesse de João Cabral pelas revistas tem raízes profundas. Em novembro 1944, seu amigo Lauro Escorel escrevera a Antonio Candido, lançando luz sobre quem lhes incentivava uma empreitada periodística: “O Carlos Drummond de Andrade, com quem estive diversas vezes ultimamente, propôs ao João Cabral e a mim, organizarmos uma revista dedicada exclusivamente à Poesia. Seria ainda uma publicação inédita no Brasil, feita dentro do mais rigoroso critério de seleção. A coisa ainda está em projeto [...]” (Fundo Antonio Candido, IEB-USP). Em 1947, transferindo-se para Barcelona, no posto de vice-cônsul, Cabral planeja um periódico literário, *Antologia*, tendo como parceiro o também diplomata em início de carreira, Escorel.

Afinidades literárias e anseios de participação ativa no campo letrado pavimentam o caminho que leva João Cabral a Alberto de Serpa (e vice-versa), propiciando a invenção de *O Cavalo de Todas as Cores*, do qual a correspondência trocada é testemunho pulsante de devotamento, do confronto de verdades pessoais e da disposição para o diálogo construtivo. Correspondência é uma complicada engrenagem que pressupõe impulsos de continuidade. Em sua primeira carta, de junho de 1949, Serpa vê seu destinatário como um “irmão em Poesia”; João, em sua resposta, aceitando o acolhimento, já o toma como “confrade”, entretecendo a cumplicidade. Como em

toda interlocução epistolar, mormente entre intelectuais, enunciam-se pactos, que tecem horizontes de convivialidade. Em setembro de 1949, Serpa oferece os termos de um contrato: “Ponha-me francamente as suas objeções, para irmos do acordo tão necessário” (p. 100). Dois meses depois, reitera: “Dê-me sempre as suas impressões sinceras da colaboração que eu mandar, de forma a caminharmos sempre juntos” (p. 131). Nessa bem azeitada correspondência, propulsionada por gestos colaborativos, as discordâncias pessoais não emperram o mecanismo construtivo, nem mesmo as posições antagônicas, inegociáveis, entre Serpa “católico”, “sem qualquer ligação política” e João Cabral “friamente acatólico ou acristão”, “bom materialista” (ou seja, marxista). Como bem notou Solange Fiuza, “a posição política diversa dos editores” não deixou, contudo, de ter “implicação direta nos textos” que elegeram (p. 43). No diálogo franco entabulado, há espaço, inclusive, para autocríticas em face do resultado editorial obtido. Considera João Cabral: “devo dizer que [*O Cavallo*] não me agrada completamente. [...] Parece-me ter [...] um certo ar acadêmico e universitário, rígido” (p. 141). Esse acordo, respeitoso das diferenças, torna essa correspondência uma das mais notáveis em nossa história literária, a despeito da pouquíssima ressonância cultural obtida pela revista que eles criaram. Acertadamente, lê-se em “Narrativa de uma revista em processo”: “a correspondência [...] ajuda a ressignificar a importância dessa pequena publicação, cujo interesse maior parece estar antes no processo de composição do que no produto final” (p. 38).

Entre tantos acertos editoriais desta primorosa edição de cartas, destaca-se a inclusão do fac-símile de *O Cavallo de Todas as Cores* nas páginas que antecedem a transcrição das mensagens. A disposição contrapõe a realidade da revista a seu tortuoso processo de execução, que o público leitor acompanhará enfronhando-se nas cartas. Nessa documentação, perceberá as injunções que determinam as tomadas de decisão dos editores. Acompanhará acordos e dissensos que levaram ao produto intelectual oferecido ao público. Notará as goradas projeções de continuidade da publicação etc.

O que é, afinal, uma revista? É uma trama editorial heterogênea. Na correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa, captam-se, com nitidez, as atividades em torno de *O Cavallo de Todas as Cores*. Primeiramente, contam-se a fixação de um título apropriado e dos objetivos do periódico, a definição de autores, amalhados em diferentes círculos de amizade, e de seus escritos, contrabalançando

nacionalidades. Em relação aos escritos, questões estéticas ligam-se a questões políticas. Compreende-se, assim, que os versos de Torroella sejam uma “homenagem aos 4 poetas assassinados por Franco” – Antonio Machado, García Lorca, Miguel de Unamuno, Miguel Hernandez (p. 146); que “A bomba atômica”, lirismo de Vinicius radicado no tempo histórico, friccione-se com imprevisíveis transcendências católicas. No desígnio de incorporar as composições espanholas, “influi um motivo político: o de apoiar o que o regime atual da Espanha não tolera com bons olhos: a literatura catalã” (p. 89), etc. No que diz respeito às condições materiais da produção da revista, colocam-se na ordem do dia a definição de um projeto (“revista minoritária”, “dedicada exclusivamente à poesia”, “200 exemplares”, “trimestral” etc), as condições econômicas que permitem a sua produção, as escolhas ligadas ao manejo da prensa e às técnicas tipográficas, o eventual auxílio profissional de terceiros. No que concerne à distribuição da revista contam-se a definição dos beneficiários, as artimanhas para burlar a censura e autoritarismo em Portugal (de Salazar) e na Espanha. Particularidades editoriais pululam na correspondência: a expressão escrita e o conhecimento ortográfico, o labor da revisão, o emprego das ilustrações, a escolha de representantes nos países nos quais devem circular o volume etc.

Tal qual a produção de uma revista, a edição de uma correspondência é uma prática científica de grande complexidade que exige dos pesquisadores que a ela se devotam multifárias ações, saberes e competências. Esse tipo de publicação, resulta da paciente imersão em arquivos e de persistentes consultas bibliográficas. Prevê o trabalho de decifração de manuscritos; a cuidadosa práxis da transcrição dos textos, guiada por fundamentação filológica; a conscienciosa ordenação dos escritos em uma cronologia; a preparação de notas contextuais pertinentes e substanciais; a oportuna elaboração de índices e de listas onomástica; revisões apuradas; tudo isso acompanhado de uma inquietante insatisfação relativamente à qualidade dos resultados obtidos. Trata-se de um trabalho visto sempre sob o signo da incompletude (porque futuras pesquisas podem propiciar novas contribuições documentais, novas leituras de caligrafias difíceis, novas interpretações dos textos coligidos etc). A quem organiza edições de cartas, cabe, ainda, tomadas de decisões técnicas e éticas, o acompanhamento de trâmites institucionais e comerciais, além de outras tarefas.

Esta imprescindível *Correspondência Inédita e Anotada: Alberto de Serpa - João Cabral de Melo Neto – O Cavalo de Todas as Cores*, fruto de um harmonioso labor cooperativo, mostra-se paradigmática na bibliografia cabralina e nos estudos epistolares no Brasil, atendendo às expectativas de rigor metodológico e crítico, em seu compromisso de obter a ampla legibilidade da obra. É modelar, igualmente, em sua proposta de estimular investigações literárias. Os argutos estudos introdutórios de Solange Fiuza e de Arnaldo Saraiva, ao lado das fecundas e extensivas anotações das cartas, abrem-se para um sem-fim de sugestões de novas pesquisas em fonte primária.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ruy (Seleção, Organização e Notas). *Querido poeta: correspondência de Vinicius de Moraes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- IVO, Ledo. *E agora adeus: correspondência para Ledo Ivo*. Introdução e notas Gilberto Mendonça Telles. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. Em: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha. 2.ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- SOUSA, Carlos Mendes. “Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector”. *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n. 157/158, jul. 2000. p. 283-300.
- SUSSEKIND, Flora (Organização, Apresentação e Notas). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

Marcos Antonio de Moraes
Instituto de Estudos Brasileiros/
Universidade de São Paulo